

**IGARAPAVA**

Vindos de Miguelópolis, almoçamos no restaurante do Posto Japão, na entrada de Igarapava pela Via Anhanguera, último posto paulista antes de ingressar nas Gerais. No passado, seus pratos com peixes eram inigualáveis, meu pai gostava de comer ali quando ia para o triângulo mineiro. O tempo se encarregou de mudar, os novos tempos o tornaram apenas mais um restaurante pasteurizado de posto de gasolina, nada tem mais a ver com os japoneses do passado que o criaram.

O nome Igarapava é indígena. “Igara” significa canoa pequena, feita de um único tronco, enquanto que “Pava” significa porto ou lugar onde se para. A região era o ponto de passagem das bandeiras pelo Rio Grande, rota do Anhanguera. No século XIX, meu parente Anselmo Ferreira de Barcellos, depois da saga das “Anselmadas”, confusão que resultou em tiroteio e mortes na velha Franca do Imperador, foi se refugiar numa fazenda que tinha na região e criou uma capela para Santa Rita, em cujo entorno nasceu a povoação. Em 1873, foi desmembrada de Franca e tornou-se município. Atualmente, possui em torno de trinta mil habitantes. A chegada da ferrovia e a construção da grande ponte metálica sobre o Rio Grande pela companhia de estradas de ferro Mogiana no início do século XX a colocaram na rota do progresso trazidos pelo café e pela cana, em especial pela Usina Junqueira. A ponte foi palco de grandes combates em 1932 entre paulistas e mineiros, cujas marcas de tiros em sua estrutura ainda são visíveis.

O principal acesso ao centro da cidade pela Via Anhanguera é uma larga avenida em declive, que traz uma belíssima paisagem do vale do Rio Grande. Numa curva, a surpresa: a rodoviária da cidade também é obra do arquiteto Zé Luiz Silva, é a mesmíssima estrutura e solução adotada no Paço Municipal de Miguelópolis. Está em excelente estado de conservação, bem diferente da irmã-gêmea da cidade vizinha. Continuando rumo ao centro da cidade, encontramos uma cidade tranquila, com ruas em paralelepípedos bem conservados e belos edifícios do início do século XX, como a Escola Estadual com projeto elaborado em 1909 pelo engenheiro-arquiteto belga José Van Humbeeck (tombada como patrimônio histórico estadual pelo CONDEPHAAT), a sede do Ministério Público (cadeia velha), a antiga estação ferroviária, a bonita igreja matriz, praças arborizadas e algumas atraentes moradias da elite local ao tempo do café, além da prefeitura modernista.

Os secretários de Turismo (Guilherme) e Desenvolvimento Econômico (Márcio) da cidade estavam nos aguardando para mostrar os investimentos que estão fazendo para ampliar o leque econômico da cidade com foco no turismo. Antes de encontra-los, estive no velho Hotel Silvio, onde tantas vezes meus pais paravam com a gente para traçar um bife acebolado no restaurante do hotel. Infelizmente, parece que vai fechar, os velhos donos faleceram e os filhos têm outros planos.

Visitamos dois grandes empreendimentos turísticos que a prefeitura está implantando: o Parque Ecoturístico do Porto das Canoas e o Parque da Praia, onde haverá um museu dedicado ao movimento de 1932, a chamada “Revolução Constitucionalista”, espécie de contragolpe da reacionária elite paulista contra o poder federal. São grandes investimentos, de longa

maturação até a efetiva implantação. O porto aproveita estrutura de antiga fazenda Cana Brava da Usina Junqueira, terá uma marina para barcos (o local é próximo à usina hidrelétrica local) e pretende ter alguns atrativos, como um museu para o cantor Jair Rodrigues, nascido em Igarapava. Já o da Praia tem objetivos mais populares, com infraestrutura para banhistas, bares e uma praia para lazer, ao lado da antiga ponte ferroviária da Mogiana, além do museu de 32. É um projeto ambicioso que, com criatividade, tenta mostrar alternativas para o desenvolvimento desse país tão desigual.

Mauro Ferreira é arquiteto